



WALTER OMAR KOHAN

PAULO FREIRE:  
UM MENINO DE 100 ANOS

Coleção Ensaios

(em quarentena)

**Paulo Freire: um menino de 100 anos**

Walter Omar Kohan

Prólogo: Magda Costa Carvalho e Simone Berle

NEFI Edições

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Reitor: Ricardo Lodi Ribeiro

Vice-Reitor: Mario Sergio Alves Carneiro

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd)

Coordenadora: Ana Chrystina Venancio Mignot

Vice-Coordenador: Guilherme Augusto Rezende Lemos

Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI)

Coordenador: Walter Omar Kohan

Conselho Científico (NEFI/UERJ)

Alejandro Ariel Cerletti, Univ Buenos Aires e Univ Nac Gral Sarmiento  
Alexandre Filordi de Carvalho, UNIFESP, Brasil  
Alexandre Simão de Freitas, UFPE, Brasil  
Barbara Weber, University of British Columbia  
Beatriz Fabiana Olarieta, UERJ, Brasil  
Carlos Bernardo Skliar, FLACSO, Argentina  
César Donizetti Leite, UNESP, Rio Claro, Brasil  
Claire Cassidy, University of Strathclyde, Escócia  
Fabiana Fernandes Ribeiro Martins (Colégio Pedro II, Brasil)  
Gregorio Valera-Villegas, Univ. Experimental Simón Rodríguez, Venezuela  
Gustavo Fischman, Arizona State University, Estados Unidos da América  
Jason Wozniak, West Chester University, Estados Unidos da América  
Juliana Merçon, Universidad Veracruzana, México  
Junot Cornelio Matos, UFPE, Brasil  
Karin Murriss, Cape Town University, África do Sul  
Lara Sayão, Sedec RJ, Brasil  
Magda Costa Carvalho, Universidade dos Açores, Portugal  
Maria Reilta Dantas Cirino, UERN, Brasil  
Marina Santi, Università degli Studi di Padova, Itália  
Maristela Barenco Corrêa de Mello, UFF, Brasil  
Maximiliano Durán, Universidad de Buenos Aires, Argentina  
Olga Grau, Universidad de Chile, Chile  
Óscar Pulido Cortés, Universidad Tecnológica y Pedagógica de Colombia  
Paula Ramos de Oliveira, UNESP - Araraquara, Brasil  
Pedro Pagni, UNESP - Marília, Brasil  
Renato Noguera, UFRRJ, Brasil  
Roberto Rondon, UFPA, Brasil  
Rosana Fernandes, UFRGS, Brasil  
Rosimeri de Oliveira Dias, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Sívio Donizetti de Oliveira Gallo, UNICAMP, Brasil  
Virgínia Kastrup, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
Walter Omar Kohan, UERJ, Brasil  
Wanderson Flor do Nascimento, UnB, Brasil

Conselho Editorial (NEFI/UERJ)

Alice Pessanha Souza de Oliveira  
Allan Rodrigues  
Daniel Gaivota Contage  
Fabiana Martins  
Felipe Froes Pereira Trindade  
Marcelly Custodio de Souza  
Ocimar Castro Maximo  
Robson Roberto Lins  
Simone Berle

Capa:

Marcelly Custodio de Souza

Diagramação:

Marcelly Custodio de Souza

Simone Berle

Revisão técnica deste livro:

Arthur Henrique F. de Almeida

Magda Costa Carvalho

"A comissão para avaliação cega dos trabalhos da Coleção Ensaios em 2021 foi integrada por Junot Cornelio Matos e Magda Costa Carvalho"

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walter Omar Kohan

**Paulo Freire:** um menino de 100 anos. Walter Omar Kohan. - 1 ed. -  
Rio de Janeiro: NEFI, 2021 — (Coleção Ensaios: 10).

ISBN: 978-65-992767-1-2

1. Paulo Freire 2. Centenário Paulo Freire 3. Educação 4. Filosofia 5.  
infância. I Título. II Série.

CDD 370.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação: Filosofia 370.1

© 2021 Walter Kohan

© 2021 Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/UERJ)

Site: <http://fioeduc.org/nefedicoes>

Email: [publicacoesnefi@gmail.com](mailto:publicacoesnefi@gmail.com)



## Sumário.

### PRÓLOGO

**OUVIDOS DE OUVIR CRIANÇAS: escutar das crianças tudo o que ainda não sabemos..... 15**

por Magda Costa Carvalho e Simone Berle

NOTA PRELIMINAR SOBRE OS TEXTOS QUE COMPÕEM ESTE LIVRO ..... 21

ANTES DE MAIS NADA: uma carta para paulo freire..... 23

PAULO FREIRE MAIS DO QUE NUNCA, UM LIVRO MENINO (Entrevista com Isabela Lopes Pereira)..... 27

**1. PAULO FREIRE E A (SUA) INFÂNCIA EDUCADORA ..... 41**

A importância de perguntar-se..... 44

A educação entre iguais..... 48

O educador menino e a educadora menina .....50

**2. A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E O AMOR..... 55**

Um recorrido pelo amor afirmado na *Pedagogia do Oprimido*.....57

Significados para o amor em diálogo com Alain Badiou ..... 59

Para terminar como a *Pedagogia do Oprimido*: começando .....61

**3. QUANTOS ANOS TEM PAULO FREIRE? ..... 65**

Uma educação menina em direitos humanos..... 68

A educação e o tempo da infância: quantas idades cabem numa idade? .....70

Afinal, quantos anos tem Paulo Freire? .....72

**4. O QUE VALE SER CRIANÇA SE NOS FALTA INFÂNCIA? Um diálogo sonhado entre Paulo Freire e Mia Couto..... 75**

Primeiras palavras.....75

O tempo da infância em “O rio das quatro luzes” .....77

De *infantia*, luzes e corações..... 79

Paulo Freire e o tempo da (pré) escola .....82

Para terminar... como sempre... começando ..... 85

**5. DIEGO E PAULO, DOIS MENINOS DANADOS, AMOROSOS, DE ESQUERDA... ou de como convidar um amiguinho inesperado para comemorar uma vida infantilmente amorosa e revolucionária .....89**

Antes de começar... infância..... 89

Paulo, o Che e um menino inesperado: amor, infância e revolução..... 90

Algumas objeções contra um menino danado e nada santo .....92

Dois meninos de esquerda.....	95
Dois meninos amorosos.....	99
Para terminar, sem deixar de começar .....	102
<b>6. PALAVRAS INFANTIS: UMA HOMENAGEM A OSMAR FÁVERO .....</b>	<b>107</b>
Primeiras palavras.....	107
Sobre a memória e o tempo presentes num Brasil pandêmico.....	109
Educar: viajar no tempo, em busca de outro(s) tempo(s) .....	110
Voltar à primeira infância: Angicos.....	112
A infância em Angicos: Eneide.....	114
<b>7. POR QUE PAULO FREIRE COMPROMETEU-SE COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E NÃO DE CRIANÇAS? .....</b>	<b>117</b>
Paulo Freire e a curiosidade.....	118
Um menino curioso num Congresso adulto de Leitura .....	120
Cartas de infância .....	122
Por que alfabetizar adultos em vez de alfabetizar crianças? .....	124
<b>8. EXISTE O “MÉTODO PAULO FREIRE”?.....</b>	<b>127</b>
Considerações sobre o “método” .....	129
A palavra ‘método’ e algumas tradições dominantes.....	129
Método: curiosidade e compromisso político .....	130
Formação: tornando-se o método que somos .....	132
Considerações finais antimetódicas.....	135
<b>9. “TUDO ESTÁ EM TUDO” (J. JACOTOT) E “LEITURA DE MUNDO” (P. FREIRE): premissas de dois meninos nada embrutecidos, errantes em uma temporalidade igualitária .....</b>	<b>139</b>
<b>10. POR QUE PAULO FREIRE MAIS DO QUE NUNCA? .....</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>161</b>

**OUVIDOS DE OUVIR CRIANÇAS:  
escutar das crianças tudo o que ainda não sabemos**

Magda Costa Carvalho e Simone Berle

*Aprendo com as crianças tudo o que os sábios ainda  
não sabem.*

Clarice Lispector, 2019

*Em 2019, um grupo de crianças foi convidado para  
participar de um evento que tinha como um dos eixos  
de diálogo “Os direitos das crianças”. No auditório  
cheio de adultos, as crianças são recebidas para um  
momento de partilha sobre os “Direitos das Crianças”.*

*Do palco, Elisa, uma criança de 4 anos, pega o  
microfone e de forma segura diz: mexer no armário. A  
plateia de adultos ri, com muita graça, da fala da  
pequena Elisa. A menina se cala e passa o microfone  
adiante.*

Caderno de notas, Simone Berle, 2021

A pequena narrativa de Elisa foi partilhada durante um encontro de formação e planeamento de um grupo de professores e professoras no Rio de Janeiro. A força das palavras de Elisa, assim como a perturbação do seu silenciamento, têm nos acompanhado desde então. Quando voltamos a essa força e a essa perturbação, outras vozes ecoam em nós. Imediatamente nos encontramos com perguntas ressoantes de quem se indigna conosco: “por que rimos das crianças? Por que tomamos suas falas, seus pensamentos, suas lógicas e suas descobertas como exóticas, divertidas, inóspitas e risíveis? Por que, em um auditório repleto de pesquisadores das infâncias, uma afirmativa lógica de uma criança provoca altas gargalhadas?” (Melo; Lopes; Lima, 2021, p. 1).

E também logo recordamos Mangaliso Nxesi, menino sulafricano de 10 anos que, enquanto questionava o Parlamento do seu País sobre outro direito das crianças – o do voto –, foi acolhido com risadas da audiência. “Só porque alguém tem uma idade diferente da de outra pessoa, isso não significa necessariamente que deva ter menos acesso às coisas por causa da sua idade ou de algo do género.” (Murriss, 2020, p. 72), dizia Mangaliso, perplexo ele próprio com o riso condescendente que a sua fala recebia dos adultos presentes.

Os relatos da pequena Elisa e do pequeno Mangaliso nos dão a ver o esforço que nós, adultos, temos que fazer para escutar as crianças, mas também nos

oferecem a oportunidade de percebermos a facilidade que temos em encerrar essa escuta e como facilmente podemos perder a oportunidade de escutarmos com seriedade o que as crianças nos dizem. Rir assim, quando as crianças usam suas vozes, pode ser uma forma de evitarmos sair dos nossos próprios lugares, de continuarmos agarrados às nossas certezas, e de insistirmos em ficar epistemológica e politicamente distantes delas.

Aquilo que as crianças ousam dizer pode ser inusitado, encantador, patético até, mas é quase sempre entendido como inofensivo (Murriss, 2020, p. 82). Contudo, Elisa, quando manifesta que abrir o armário é um direito das crianças, pode estar ensinando para nós, adultos, a olhar – uma vez mais – para as miudezas, as banalidades e até desimportâncias da vida cotidiana com mais amorosidade, partilha e igualdade. E Mangaliso, quando se esforça por falar num espaço de adultos, com uma argumentação de adultos e dirigido a adultos, revela que aquilo que a sua fala está a denunciar é, afinal, um preconceito estrutural e que, enquanto a idade estiver a seu desfavor, partirá para a corrida sem qualquer hipótese de chegar à meta.

As situações vivenciadas pelas duas crianças nos levam para a discussão que talvez seja uma das mais básicas e igualmente mais inquietantes da educação (de crianças): o lugar de fala, a seriedade, a legitimidade do dizer, se conquistam com tornar-se grande. Ainda continuamos a voltar para o lugar da infância ingênua e da criança incapaz de dizer o que pensa e sente. Ou, mais grave ainda, para o juízo arraigado de que tudo o que os mais pequenos possam dizer será sempre incompleto, infundado, irrelevante, e outras negações excludentes.

A filosofia (ocidental) tem acompanhado e, talvez, até justificado essa negligência educacional, apurando sem pudor a tendência para deixar de fora dos seus espaços-tempos **a escuta dos mais pequenos** (não apenas dos cronologicamente pequenos, mas da pequenez nas suas variadas expressões). Por um lado, porque, ao longo dos séculos, venceu como critério de fala um tipo de discurso logocentrado e, portanto, todas as vozes pequenas, as que não cabem na produção de um entendimento mental racionalmente comunicado, não se incluem no grupo de quem merece ser escutado. E, por outro lado, porque a escuta, ela própria, enquanto sentido específico de um corpo, no qual se abre o mundo e onde ressoam experiências decisivas, foi minorizada enquanto acesso a afetações importantes. Só fala quem sabe usar a sua voz de uma forma bem determinada. E falar é sempre muito mais uma questão de fixar o inteligível do dito, o lógico, do que de deixar reverberar o audível e o sonoro do dizente.

Acontece que as duas coisas – a negligência das infâncias e o olvido da escuta – não estão assim tão distantes como possa parecer, porque o esquecimento dessa escuta leva, inevitavelmente, à invisibilização de quem fala face àquilo que é dito. Desaprender a escutar é apagar o sujeito que fala perante o tanto (ou o tão pouco) que esse sujeito diz. Como se todas e todos disséssemos as coisas das

mesmas formas. Ou como se o ato de dizer algo não fosse já, numa dimensão aquém da verbalização, a constituição mesma de um sujeito, o *reenvio a um si* (Nancy, 2013).

Assim, educação e filosofia demasiadas vezes viraram costas à escuta das crianças, dos menores, dos pequenos, das infâncias. Quantas de nós, educadoras e educadores, já fomos Elisa reclamando o poder minudente de mexer no armário? E quantos de nós já calamos Mangaliso com nossos sonoros risos condescendentes?

É precisamente neste panorama educativo e filosófico, em que nem as pessoas mais pequenas nem a escuta são comumente reputadas, que livros como *Paulo Freire: um menino de 100 anos* fazem um caminho singular. Com a ousadia infantil que lhe é própria, o gesto de Walter Kohan com esta publicação sobre o Patrono da Educação Brasileira, no ano de seu centenário, parece-nos uma forma de se posicionar face a perguntas que talvez precisemos continuar a seguir fazendo: *a escuta é algo de que a filosofia seja realmente capaz? A escuta é algo de que a educação verdadeiramente seja capaz? E uma relação educativa e filosófica com a infância pode fazer-se sem escutá-la?*

Em 2021, Paulo Freire faz 100 anos. Cem anos. Um menino faz cem anos e a forma como suas palavras seguem nos ensinando (ou como ainda precisamos seguir aprendendo com elas) nos leva a perceber que Paulo Freire faz *sem* anos. E podíamos continuar brincando com as palavras (gesto tão distintivo dos escritos de Walter Kohan): tudo o que Paulo Freire faz hoje fá-lo sem anos. Em sua forma infantil de fazer nascer – sempre e outra vez – a educação como prática de liberdade, mesmo em tempos tão áridos e escassos de alegria e compaixão como os que agora vivemos, Paulo Freire escapa aos ciclos cronológicos e torna-se imortal. Continua em estado nascente, mesmo fazendo cem anos. Continua a fazer-nos nascer, sobretudo fazendo sem anos.

Este livro pode ser um bonito exemplo do que afirmamos. *Paulo Freire: um menino de 100 anos* é, ao mesmo tempo, uma forma de celebrar uma vida extraordinária de amor, força e revolução através da escuta dos mais pequenos. E Walter Kohan vai mostrando aos leitores e às leitoras, em cada um dos textos que compõem este volume, algumas importantes pequenezes às quais devemos dar nossa atenção enquanto educadoras e educadores. E talvez não seja tanto uma questão de um “devermos” carregado de normatividade, quanto de fazermos o exercício de pensarmos o quanto a nossa forma de viver a educação pode mudar se atendermos a estes pormenores (pormenores!). Escrever uma carta para Paulo Freire, fazer um passe de bola a Diego Maradona, insistir sempre nas perguntas, brincar com versos de poetas, obstinar-se na importância do amor, recordar as minudências das vidas daqueles e daquelas com quem nos cruzamos. São gestos de infância que permeiam a escrita de Walter. Esses gestos são igualmente afirmações vivas de um pensador de fracturantes questões educativas e filosóficas:

## Prólogo

o método, a educação popular, a literacia do mundo, a igualdade, a revolução, a política, o tempo.

A educação no Brasil é uma criança que, como Elisa e Mangaliso do começo do nosso texto, é frequentemente calada em sua meninice, a meninice de pronunciar o mundo em suas primeiras vezes. A educação, tal como reivindica Paulo Freire e, ecoando nele, Walter Kohan, é um ato de criação e “porque é encontro de homens que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros” (Freire, 2020, p. 18). Sobretudo dos mais pequenos aos “mais grandes”. Enquanto educandos e educandas, o ato de coragem que nos liberta é precisamente pronunciarmo-nos, compreendermos quem somos no mundo e como nos transformamos com ele, sem subjugar, sem ser subjugado. Portanto, aprendendo a pronunciar a sua palavra ou a escutar-se a si mesmo aquém das palavras... e a deixar-se escutar. Exercício que as vozes infantis que aqui foram convidadas fizeram com grandeza.

Walter, ao colecionar em seus escritos diálogos, cartas, pensamentos com e de Paulo Freire, faz (re)soar nas entrelinhas do presente livro esta educação como prática de liberdade de pronunciamento e de escuta, um exercício filosófico e infantil inspirador. É este o Paulo Freire que Walter Kohan nos oferece. E a escrita de Walter sempre é um convite delicado a dar a volta nas palavras, nos sentidos que elas carregam, a mostrar que, afinal, tudo pode ser diferente. É uma escrita de liberdade, enquanto experiência filosófica e educativa que não deseja ensinar, mas insiste em convidar seus leitores e suas leitoras a ensaiarem a si mesmas e a si mesmos em outras escutas, em outras escritas.

A escrita de Walter também é *sem* anos porque sempre nos provoca a começar de novo, a nascer e a renascer com ele. E o livro que temos em mãos não é diferente. O convite que recebemos das palavras de Walter estendemos para cada uma e cada um de vocês. Como a criança peralta que convida os amigos e as amigas para brincarem em casa sem aviso prévio, nós convidamos cada um e cada uma de vocês para uma escuta infantil como um *reenvio a um sí*. Uma leitura em voz alta com desejo único: uma escuta menina dos mais pequenos, ou do que de mais pequeno há em cada uma de nós. Uma educação popular que precisa afirmar-se, antes, em cada um e em cada uma.

Terminamos quase certas de que seja possível que neste volume esteja presente, talvez, mais uma fagulha de esperança, mais um sinal de que nunca é tarde para partear a educação, a filosofia e a escrita como igualdade; para afirmar uma vez mais que não se pensa entre desiguais, que não há verdadeira escuta a não ser entre iguais, porque uma escuta amorosa e revolucionária exige colocar todos em lugar de igualdade. E reconhecer, como a infante Clarice, que afinal é tão fácil captar as tantas coisas maravilhosas que as crianças dizem: “é só ter ouvidos de ouvir crianças” (Lispector, 2019, p. 611). Desejamos que em cada ser

Magda Costa Carvalho e Simone Berle

humano cresça um par destes ouvidos, com a maior urgência possível. A mesma urgência do amor, da revolução, da escrita de Walter.

**Referências:**

- Bajour, C. (2012). *Ler nas entrelinhas*. São Paulo: Pulo do gato.
- Freire, P. (2020). *Partir da infância: diálogos sobre educação*. São Paulo: Paz e terra.
- Lispector, C. (2019). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Mello, M. B. C. de; Lopes, J. J. M.; Lima, M. F. C. (2021). Por que rimos das crianças? *Linhas críticas*, v.27, pp. 1-18. DOI: 10.26512/lc27202135191
- Murris, K. (2020). The 'Missing Peoples' of critical posthumanism and new materialism. In *Navigating the Postqualitative, New Materialist and Critical Posthumanist Terrain Across Disciplines*. London: Routledge, p. 62-84.
- Nancy, J. L. (2013). À escuta. (parte 1). *outra travessia*. Revista de Literatura. 15, pp. 159-172.

# COLEÇÃO SOIΛSNĒ

Em 2021, Paulo Freire faz 100 anos. Cem anos. Um menino faz cem anos e a forma como suas palavras seguem nos ensinando (ou como ainda precisamos seguir aprendendo com elas) nos leva a perceber que Paulo Freire faz sem anos. E podíamos continuar brincando com as palavras (gesto tão distintivo dos escritos de Walter Kohan): tudo o que Paulo Freire faz hoje fá-lo sem anos. Em sua forma infantil de fazer nascer – sempre e outra vez – a educação como prática de liberdade, mesmo em tempos tão áridos e escassos de alegria e compaixão como os que agora vivemos, Paulo Freire escapa aos ciclos cronológicos e torna-se imortal. Continua em estado nascente, mesmo fazendo cem anos. Continua a fazer-nos nascer, sobretudo fazendo sem anos.

Magda Costa Carvalho e Simone Berle

